


AS HISTÓRIAS DA COLONIZAÇÃO DE GOIÁS E DO TOCANTINS DOI: 10.5281/zenodo.7615968**Sebastião Elias Milani**

Ufg, Faculdade De Letras, Departamento De Língua Portuguesa. Email:
Sebaselias37@Hotmail.Com, Goiânia, Brasil.

Resumo: A divisão do estado de Goiás não separou linguisticamente o território, porque não apagou a historiografia-linguística da formação do povo e da língua. Nesse trabalho se discorrerá, a partir dos dados do *AUFAGO - Acervo Audiovisual da Fala Goiana*, a respeito de como se formou a cultura da região fronteira de Goiás e do Tocantins. O *AUFAGO* foi construído nos anos de 2012, 2013 e 2014, por meio de entrevistas gravadas em oitenta cidades do estado de Goiás, com vistas a fazer principalmente o *ALINGO – Atlas Linguístico de Goiás* (Barra Livros, 2015). Na fronteira de Goiás foram selecionadas as cidades de São Miguel do Araguaia, Porangatu, São Domingos e Campos Belos pela localização topográfica. Nas entrevistas, quando era possível, pelo tempo e local da entrevista e o informante fosse conhecedor da história da cidade e da região, se deixava que ele contasse como reconhecia o desenvolvimento da região e da cidade e como ele participara desse movimento. A historiografia-linguística se interessa pelo modo como os indivíduos, sujeitos das transformações que a efervescência cultural faz acontecer, observaram e participaram disso tudo. Dois senhores entrevistados, dois homens em Porangatu, contaram como viveram os últimos 70 anos nessa localidade, como criaram os filhos, como participaram das transformações que essa localidade assimilou. Os resultados são que a língua tem as marcas do caldeirão de vozes humanas que por ali passaram, ficaram e partiram: uma mistura de traços fonéticos, lexicais e prosódicos das mais diversas origens brasileiras: nortista, nordestina, sudestina e sulista.

Palavras-chave: Goiás; Tocantins; Porangatu; Falar; Rodovias.

Introdução

A diversidade lingüística acontece na superfície, nos níveis profundos as línguas são sempre iguais. Deve-se considerar como verdadeiro a descrição teórica da linguagem: a união de um plano de expressão com um plano de conteúdo. Desta feita, examinar a linguagem em níveis de análise, tanto para o plano de expressão, quanto para o plano de conteúdo, tornou-se lugar comum.

Nos níveis mais profundos, pode-se dizer que a linguagem é feita dos seres humanos, assim, não importa a sociedade, só existe uma forma de comunicação, um

modo de manifestação das paixões: as línguas, à medida que se aceite a teoria de Ferdinand de Saussure de que a linguagem é universal, a língua é social e a fala individual. Elas são sempre forma, construídas com substâncias psíquicas, emolduradas em matérias plásticas.

De acordo com Louis Trolle Hjelmslev, a substância do plano de conteúdo é o pensamento e a forma é a língua e substância do plano de expressão é a articulação e a forma é o fonema, que forma o signo, que forma o texto, tudo psíquico e totalmente solidário, portanto, individual. Não há um único ser humano que faça esse processo de outra maneira. Essa é uma teoria, mas se se tomar outra teoria, vai se chegar à mesma conclusão, de que ela seria válida para todos os seres humanos.

O plano de expressão é constituído pela forma ou pelas formas, a depender do critério de análise. Em primeiro lugar, os sentidos percebem o mundo como articulado. A audição atribui significado a todos os sons. A forma do plano de expressão é o local em que se processa a norma lingüística. Os níveis sigmático e fonemático são os que apresentam maior suscetibilidade à particularização. No nível sigmático, é o léxico e, no nível fonemático, são os pontos de articulação, esses níveis apresentam mais claramente a particularização e o perfil cultural de uma comunidade.

Quando se consideram esses índices para a realização linguística, pode-se perceber o porquê de a maioria dos Atlas Linguísticos serem ou léxico-semânticos ou léxico-fonéticos. Nesses dois tipos mais comuns, busca-se demonstrar, além da norma lingüística vigente na comunidade em questão, a relação dela com outras normas da língua e também uma identidade lingüística para a realidade. Essas posições são sempre afetadas por questões metodológicas, de tal maneira, que se pode usar uma metodologia para incluir a comunidade de fala no conjunto das normas da língua ou para destacá-la do conjunto.

A língua se caracteriza de muitos modos, mas nesse artigo se deseja demonstrar a relação da norma falada por dois falantes homens da cidade de Porangatu. Ambos são integrantes da última faixa etária de coleta de dados do AUFAGO do LABOLINGGO. Seus nomes fictícios são Sr. João de Porangatu, 84 anos, e Sr. José de Porangatu, 74 anos. Ambos nasceram fora da localidade e imigraram para região com os pais ainda criança em busca de novos modos de vida. Não há distinção entre o que é Goiás e o que é Tocantins na fala desses senhores, Porangatu fica na divisa entre os estados, mas a divisa só foi demarcada em 1989.

O grande eixo das transformações foi e ainda é a rodovia Federal BR 153. Os informantes contam como a região se transformou a partir na inauguração do asfaltamento. Antes a localidade era isolada, o transporte era o carro de boi e existiam poucas pessoas na região. A rodovia transformou tudo. O transporte ficou ágil e a cidade cresceu muito. Antes o trabalho estava totalmente restrito à lida nas fazendas, mas atualmente existem comércio de qualidade e indústrias de pequeno porte. A rodovia BR 153 e as outras BR inauguradas a partir da criação de Brasília mudaram o estado de Goiás e provocou a divisão do território do estado na criação do estado do Tocantins. As histórias são as mesmas, a rodovia é a mesma e o povo não mudou quase nada, mas são duas administrações estaduais. A fala de todos se assemelham, vinculada ao sutil vai e vem de migrantes de muitos lados do enorme Brasil, mas os agrupamentos de pessoas se fizeram entorno das rodovias.

Como foi Goiás

No início eram mato e estrada de terra. Fala-se aqui dos anos 40 e 50 do século XX. Goiás ainda era uma fronteira a ser conquistada: um lugar distante, muito difícil de chegar e mais difícil ainda de sair. Somente as cidades no entorno Goiânia, fundada em 1933, e Goiás velho, a capital anterior, possuíam alguma infraestrutura. Somente a partir dos anos 60, depois da fundação de Brasília, que o resto da região prosperou intensamente.

— Saí de Minas (Gerais) com treze anos. Meu pai e minha mãe, mais os doze filhos deles. Eu era o sétimo. *Foi três meis* (foram três meses) de caminhada [chegaram a Porangatu, norte de Goiás, fronteira com o Tocantins] (Sr. José, 84 anos, entrevista filmada do AUFAGO, 23 de setembro de 2012).

O estado do Tocantins só foi oficialmente criado em 1989. O território inteiro, que atualmente compreende os dois estados e o Distrito Federal, era o estado de Goiás. O primeiro território a ser destacado do estado foi o DF – Distrito Federal, em 1960, com a construção de Brasília e a transferência da Capital federal para o centro do País. O DF que era no estado da Guanabara, que não existe mais, compreendia como capital federal a cidade do Rio de Janeiro. Em 1960, o então Presidente da República, Juscelino Kubitschek, nascido em Minas Gerais, realiza seu compromisso de campanha e transfere para o centro do País a capital federal. Carlos Drummond

de Andrade escreveu em sua crônica “20 a 70, que confusão”: *60 amanhece com Brasília, uma esperança no deserto: no fim, a nova capital já é garota sofisticada.*

Além da construção dos prédios onde estão alojados os ministérios e o poder legislativo e executivo, Brasília e sua existência provocaram o asfaltamento de muitas rodovias federais que existiam como traçado no meio do Cerrado. Essas rodovias cortaram o país, partindo da Capital Federal. Entre elas a BR 153, no trecho da 010, também conhecida como Belém-Brasília, foi a grande motivadora do desenvolvimento da região chamada até 1989 de Norte-Goiano. Ela é muito extensa, mas tem em seu traçado passar no centro dos estados de Goiás e do Tocantins. Até a divisão em dois estados, atravessar o centro do estado de Goiás, tinha de um lado o Rio Araguaia e do outro o Rio Tocantins. São elas:

A BR-010 ou Rodovia Bernardo Sayão, também conhecida popularmente como Rodovia Belém-Brasília, é uma rodovia federal radial do Brasil. Seu ponto inicial fica na cidade de Brasília (DF) e o final em Belém (PA). Entre Brasília (DF) e Estreito (MA), o percurso original da Rodovia Belém-Brasília segue pelas rodovias BR-060, BR-153 e BR-226, que são completamente asfaltadas neste trecho. A rodovia BR-010 passa pelo Distrito Federal, além dos estados de Goiás, Tocantins, Maranhão e Pará. Em Goiás, a BR-010 é o principal acesso rodoviário à região ecoturística da Chapada dos Veadeiros.

A BR-020 é uma rodovia federal radial do Brasil. Seu ponto inicial fica na cidade de Brasília (Distrito Federal) e o final em Fortaleza (Ceará). Passa pelo Distrito Federal e pelos estados de Goiás, Bahia, Piauí e Ceará. Nos estados da Bahia e do Piauí, há longos trechos da rodovia que são de terra, e também trechos que não foram construídos até hoje, ainda estando na fase de planejamento, o que força os motoristas a utilizarem outras rodovias para chegarem ao seu destino. A rodovia apresenta, ainda, um trecho não asfaltado na Bahia, entre o Km 327 (próximo a Riachão das Neves) e a divisa daquele estado com o Piauí. Em 2005, o trecho compreendido entre as cidades de Formosa (GO) e Fortaleza (CE) recebeu a denominação de Rodovia Presidente Juscelino Kubitschek, através da Lei nº 11.141/05. Obs.: essas informações estão desatualizadas: a rodovia foi totalmente concluída em 2014.

A BR-040 é uma rodovia federal radial do Brasil. O ponto inicial da rodovia fica localizado em Brasília (DF), no entroncamento com a BR-450 (Via EPIA) e com a BR-251 (Via EPCT), enquanto que o ponto final fica localizado no Rio de Janeiro (RJ), mais especificamente na Rodoviária Novo Rio. A BR-040 passa pelo Distrito Federal e pelos estados de Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro, sendo a principal ligação rodoviária entre estas unidades federativas (<https://pt.wikipedia.org/wiki/>, dia 02/10/2017).

A BR-050 é uma Rodovia Federal radial do Brasil. Seu ponto inicial é em Brasília (DF) e o final em Santos (SP). Passa pelos estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo. É considerada como uma das rodovias mais movimentadas do país, pois liga a capital federal à maior

metrópole brasileira, São Paulo (<https://pt.wikipedia.org/wiki/>, dia 02/10/2017).

A BR-060 é uma rodovia federal radial brasileira. Seu ponto inicial fica na cidade de Brasília (DF) e o final em Bela Vista (MS), na fronteira com o Paraguai. Passa pelo Distrito Federal e pelos estados de Goiás e Mato Grosso do Sul. A rodovia possui todo o trecho asfaltado. (O trecho entre Jataí e Chapadão do Céu que não era asfaltado, foi inaugurado no início do ano 2014) (<https://pt.wikipedia.org/wiki/>, dia 02/10/2017).

A BR-070 é uma rodovia federal radial brasileira. Seu ponto inicial fica na cidade de Brasília (DF) e o final no distrito de Corixa, no município de Cáceres (MT), na fronteira com a Bolívia. Passa pelo Distrito Federal e pelos estados de Goiás e Mato Grosso (<https://pt.wikipedia.org/wiki/>, dia 02/10/2017).

A BR-153, também conhecida pelos nomes de Rodovia Transbrasiliana, Rodovia Belém-Brasília e Rodovia Bernardo Sayão, é a quarta maior rodovia do Brasil, ligando a cidade de Marabá (PA) ao município de Aceguá (RS), totalizando 4.355 quilômetros de extensão. Ao longo de todo o seu percurso, a BR-153 passa pelos estados do Pará, Tocantins, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os nomes de Rodovia Belém-Brasília e de Rodovia Bernardo Sayão são aplicados apenas no trecho localizado entre os entroncamentos com a BR-226 (em Wanderlândia, TO) e com a BR-060 (em Anápolis, GO). A rodovia já foi chamada de BR-14 até o ano de 1964 (<https://pt.wikipedia.org/wiki/>, dia 02/10/2017).

Conversa boa com sr. João de Porangatu:

— Fui pra roça ... com o carreiro

[ˈfui pra ˈhɔsɛ kukaˈheru]

... o patrão mandou carregar de açúcar

[upaˈtrãw mẽˈdo kaheˈga daˈsukɾɪ]

no engenho [nuˈiʒɛŋ] (engenho) ...

que eu fui levar para Goiânia [keu ˈfui leˈva ˈpra goiˈãniɐ].

Ganhando frete. No engenho tinha [gẽjˈãnu frɛʃɪ nuˈiʒɛj ˈʃiɛ]

pinga, quinto de pinga assim ... Cê num cunhece quinto di pinga...

(entrevistador falou) duzentos [duˈzɛs] litro, né. Era aquilo e açúcar de puba, quatro arrobas cada saco. Nós *tacô* cento vinte arrobas em cima dum carro ... di boi, com oito boião *ergolado* ... *mesti* ... *igualum qu'eu tã* [ˈʃiɛ] *qui*. *Batê dois dia, carru bom pá cantá. Boi ergolado, tudo apariadu. Era fazenderu ricu. Aquil quano entrô dendi Goiânia cantanu, naquel ondi tem aquel trenzin di ferru ... entrô ali pel rumu da fama ... ali era só venda, num tã asfaltu ali não. Naquels venda u povu ficava assim tudu oiãnu u carrão i a boiada ... cantãnu denda cidad. (entrevistador perguntou: Que ano era mais ou menos?) quarente i três (43). Farta poquin pa setenta ano.*

O bairro do Fama, em Goiânia, é atualmente o grande centro comercial atacadista da cidade. Na descrição de senhor João de Porangatu, já era um centro comercial em que fazia as trocas comerciais dos produtos produzidos no interior do estado. Seu José descreve uma viagem de dois dias carreando 120 toneladas de açúcar de puba e pinga de engenho, da fazenda em Porangatu onde trabalhava até a

capital Goiânia. Pelo asfalto da rodovia BR 153, a partir de 1970, são 409 km aproximadamente, o percurso de carro motorizado não é mais longo que 5 horas ou menos.

Belém-Brasília foi projeto audacioso para ligar o Norte ao resto do Brasil. Em 2008 comemoram-se os 50 anos de desbravamento e colonização de várias cidades fundadas juntamente com a rodovia Belém-Brasília, projeto do presidente Juscelino Kubitschek, que almejava ver a região Norte interligada às demais regiões do Brasil. Entre os desbravadores estão os integrantes de várias famílias vindas do Espírito Santo. Antes da Belém-Brasília, o Pará estava isolado do resto do País. Para se ter uma idéia, para se chegar a Belém, só por via aérea ou marítima. Outra opção, a mais penosa, seria via terrestre, através de picada aberta na mata, partindo do Maranhão, seguindo a região costeira, passando por Santa Helena, Viseu, Bragança e chegando à capital paraense através da região do Salgado. Por esta rota também vinham rebanhos de outras regiões. Muitos obstáculos desafiaram JK na empreitada da construção da rodovia no trecho que cortaria a selva amazônica. Entre eles, além do alto custo, a presença de índios, animais selvagens e doenças tropicais ameaçavam a continuidade do projeto. No ano de 1959, um decreto assinado pelo presidente previa a construção da Belém-Brasília, sendo encarregado para a tarefa o engenheiro Bernardo Sayão. Pela lei que previa também a construção da nova capital federal, uma rede de rodovias ligaria a sede do governo às demais regiões do Brasil. Seriam elas a Brasília-Rio de Janeiro (hoje rodovia Juscelino Kubitschek), Brasília-São-Paulo (atual via Anhanguera), Brasília-Livramento, Brasília-Fortaleza, Brasília-Acre e Brasília-Belém ou Belém-Brasília (<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=575784>, 03 de outubro).

Senhor João de Porangatu continuou:

Eu tenho oitenta e quatro anos

[eu 'tẽjũ or'têter'k^watru 'ãn].

Agora eu moro aqui tem sessenta e dois - 62 (anos)

[e'gor'eu 'mɔrua'ki 'tẽj se'sêter'dois].

Porangatu tem 62 (anos) ... esse Porangatu aqui (parte nova, próxima à Rodovia) é depois que eu moro aqui

[de'poi ki'eu 'mɔrua'ki].

Quando eu vim para aqui e quarenta e nove

['k^wãnũ'eu 'vĩ pra'ki ãk^wa'rêter'nɔvi],

dali onde estou contando

[da'li 'õni 'to kõ'tãnũ]

(o lugar em que foi morar com os pais, lá perto),

nós morávamos na beira do rio, fazenda Mutum

['nɔizmo'rave na'bere du'hiv][fa'zẽne mu'tũ],

ali, na ponte ali [a'li na'põfja'li],

pulou ali [pu'loẽ'li],

você paga imposto é pra lá [se'pag^ẽ]postu'ẽ pra'la].

Fazenda [fa'zẽne] Mutum,

nós morávamos nessa fazenda aí ['nɔimo'rave 'nẽsefa'zẽna'i],

quatro légua daqui lá.
Mais as casa era ali embaixo, ó
[ˈmaizasˈkaˈzɛrɛɪ.ɪ̃ˈbaʃuˈɔ],
num descoberto, ali
[nũdʒiskuˈbɛ.ɪtuˈaˈli]
(parte antiga da cidade de Porangatu).
A cidadinha era só ali
[ɛsɪdaˈdʒɪɛˈɛrɛˈsɔɛˈli].
Aqui não tinha gente, não, rapaz
[ɛˈkinũˈʃɪɛˈzɛʃɪˈnãw raˈpaɪ].
Você [ˈseẽˈdave] andava daqui ali pro ... pra roça quatro légua, tã um
moradô atraí da serra,
outro por ali, onde nós morávamos e um vizinho lá na ponta da serra
[otrɯ puraˈli õˈnɔɪzmoˈrave lũ viˈzĩw ˈlaneˈpõ dɛˈsɛhe],
atrás do campo [ɛˈtraɪ duˈkãpɯ].
Um vizinho uma légua do outro
[w̃.viˈzĩ.w̃ɛˈlɛgˈwɛ duˈotrɯ].
Essa Belém [ˈɛsɛ beˈlɛj] (Belém-Brasília) –
tava falando [ˈtave faˈlẽnu]
- tinha a picadinha dela, só
[ʃɪɛ.pɪkɛˈdʒɪɛ ˈdɛɛ ˈsɔ].
Eles estavam fazendo ela
[ɛʃˈtave faˈzẽnu ˈɛʃ].
Ela de Uruaçu para adiante
[ˈɛʃ dʒɪurueˈsu paˈdʒɪɛʃɪ].
Abrido (aberto). Abriu a primeira destoca
[ɛˈbrɪdu][ɛˈbrɪu ɛˈpriˈmere dʒɪsˈtɔkɛ]
Ela [ˈɛʃɛ].
Veio abrindo, esprainando e cascalhando
[ˈveɪɛˈbˈrɪn. prɪnã̃n. ɪ kaskalˈã̃nu].
Passou [paˈso].
Foi fazendo as ponte, em cinqüenta, nós viemos em 49,
[ˈfoɪ feˈzẽnu ɛsˈpõʃɪ ɪsɪˈkˈwɛtɛ nɔɪzˈveɪ ɪkˈwaˈrẽtɛɪˈnɔvɪ]
quando foi cinqüenta e um eles desceram com a destoca dela, passo
com a picada
[ˈkˈwãnu ˈfoɪ sɪˈkˈwɛtɛɪˈũ ˈɛɪs dɛˈsɛu kadiˈsˈtɔkɛ ˈdɛʃɛ paˈso kapiˈkade]
dela aqui, desceu, foi para sair no Belém
[ˈdɛʃɛˈki dɛˈsɛu ˈfoɪ pa saˈi nubeˈlɛj].
Quatro anos, eles inauguraram ela lá
[ˈkˈwatu ˈɛ ˈneɪs neguˈro ˈɛʃɛˈla].
Mas só encascalhada, né
[ˈmaɪ ˈsɔ ɪkaskɛɪˈada ˈnɛ].
Depois foi fazendo as pontes
[dʒɪˈpoi ˈfoɪ faˈzẽnɛs ˈpõʃɪ].
Aí, nós corremos até
[aˈii.ˈnɔɪ koˈhɛu ˈtɛ]
estradaõ bom
[straˈdẽw ˈbẽw] ...
estava só esprainada
[ˈtave ˈsɔ ˈsprɪˈnade].
Ela correu até os anos setenta dois
[ˈɛɛ koˈhɛu ɛˈtɛ uˈzã seˈtẽtɛɪ ˈdoɪs],
no setenta e dois começou asfaltar
[nu seˈtẽtɛɪ ˈdoɪs komeˈso ɛsfawˈta]

de terra chegou a Belém, em cinquenta quatro inaugurou no Belém
[di'tehe je'goe be'lêj] [ĩsĩ'k^wêter'k^watru inegu'ro nũbe'lêj].

Fez inauguração dela, foi até almoço do
[f'eis negure'sêw 'dê] [foi 'tê ɐj'mosu] ...

As marcas fonológicas de Sr. João (seu João) são as mais características da região. Ele emigrou de Minas Gerais para Goiás, seguiu a rota dos Bandeirantes, falantes da norma Caipira. Minas Gerais está dentro da hipoglossia luso-brasileira chamada caipira ou sertaneja, que compreende os estados de São Paulo, que é considerado o lugar onde começou esse falar, noroeste do Paraná, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, Goiás e Tocantins. Não se deve esquecer que, em tempos de colonização portuguesa e Brasil Império, toda essa região era parte de uma mesma divisão político-territorial chamada província de São Paulo.

As realizações fonéticas que o senhor João de Porangatu faz na fala, são muito comuns na fala das pessoas com formação escolar mais baixa em toda a hipoglossia caipira:

1) Concordância nominal somente no primeiro signo do período, exemplos: Eles estavam [e'ɫs 'tavɐ], foi fazendo as pontes, em cinqüenta, nós viemos em 49 [foi fe'zênu es'põfjĩ ĩsĩ'k^wête nɔɪz'vei ĩk^wa'rêter'noɪ], mas as casas eram ali embaixo, ó [maɪzas'ka'zereɪ ĩ'baʃu'ɔ].

2) Redução das unidades fonológicas ao mínimo distintivo, exemplos: eu tenho oitenta e quatro anos [eu 'têjũ oi'têter'k^watru 'ãn], dali onde estou contando [da'li 'õni 'to kõ'tãnũ], quando foi cinqüenta e um eles desceram com a destoca dela, passo com a picada dela aqui, desceu, foi para sair no Belém [k^wãnũ 'foi sĩ'k^wêter'ũ 'eis de'seu kadis'toke 'dête pa'so kapi'kade 'dête'ki de'seu 'foi pa sa'li nube'lêj].

3) A supressão do modo de articulação das líquidas laterais palatais /ʎ/, exemplos: Mas só encascalhada, né [mai 'sɔ ĩkasker'ada 'ne]; veio abrindo, esprainando e cascalhando ['veɪe'b'rĩn. prainãn. I kaskar'ãnũ].

4) Também é muito comum a supressão da palatalização no fonema nasal palatal /ɲ/, exemplos: ganhando frete. No engenho tinha [gẽ'ĩãnũ fretfĩ nũ ĩ'zêj 'fjĩ], a cidadinha era só ali [esida'dʒĩe 'ere 'soɛ'li], um vizinho uma légua do outro [ũ.vi'zĩ.ũe'lɛg^we dũ'otru], tinha a picadinha dela, só [fjĩ.pĩke'dʒĩe 'dele 'sɔ].

Fala amigável de sr. José de Porangatu

Entrevistou-se Sr. José de Porangatu em seu ponto de taxi. Sr. José completou a história da Belém-Brasília e da cidade de Porangatu:

— A estrada de terra foi nomeada Bernardo Saião, quem construiu a Picada ou a estrada de terra!

Bernardo Saião morreu em 1959, antes de terminar a obra, vítima da queda de uma árvore, por isso a estrada foi nomeada com seu nome. Sr. José de Porangatu disse que ela também era chamada de Belém-Brasília. Ela ainda é chamada assim pelos goianos e tocantinenses. — O asfaltamento foi feito na BR 153, que passou por cima do traçado da Belém-Brasília! Sr. José se mudou para Porangatu aos quatro anos de idade, ele é filho de uma paulista de Paraguaçu Paulista e de um goiano, nascido na região onde é a cidade. Porangatu só recebeu esse nome depois do asfaltamento da BR 153, antes era chamada de *Descampado* ou, como disse seu João, *Descoberto*.

Sr. José nasceu em Paraguaçu Paulista, onde seus pais se conheceram, e foi morar em Porangatu em 1942, quando tinha quatro anos. Lá se casou com uma moça da região, nascida em Nerópolis – GO, e teve nove filhos. Todos os seus nove filhos terminaram o ensino superior e ele, depois de aposentado como autônomo, tornou-se motorista de taxi. Sr. José estudou lá em Porangatu mesmo, e sua fala é da língua portuguesa padronizada pela escola no formato da região. Ele executa a forma fonética da norma fonológica geral padronizada pela escola como a fala de Goiás na região. Diferentemente de Sr. João, cuja forma fonética é a típica da fala de pessoas que não receberam educação escolar formal. Entretanto, as diferenças entre as falas dos dois senhores de Porangatu não são profundas nem mesmo do ponto de vista fonológico, o que reforça a ideia de uma variante local geral.

Na estrutura sintática da fala, eles fazem uso dos mesmos recursos. Ressaltam-se a título de exemplos o não uso de pronomes oblíquos, típico em quase todos os falantes brasileiros de português, regência despreocupada e vocabulário restrito ao do dia-a-dia. A não concordância entre o pronome nós e a forma do verbo. Nesse caso, no Sr. João, todas as incidências foram de não concordância, no Sr. José, aconteceram não concordâncias e concordâncias, na ordem de 20% e 80% respectivamente. O léxico esteve sempre muito semelhante, mas Sr. José é um homem de mais etiqueta, monitorou mais sua fala, consciente da obrigação de veracidade. Sr. João é um homem de total simplicidade, tanto no modo de falar: foneticamente, lexicalmente e sintaticamente, quanto no modo de vestir: roupa simples, cuja camisa tinha furos no tecido, sapatos pretos desbotados e empoeirados.

Estava passeando em uma bicicleta sem pintura, enquanto Sr. José tem um carro do ano, que usa no trabalho como taxista.

Eu nasci São Paulo, na cidade de Paraguaçu Paulista. Nós viemos para aqui em 1942 [ˈnɔi viˈɛmu praˈqui i ˈmiɫ nɔveˈsɛtuzi kʷeˈrɛteɪˈdois]. Eu nasci lá. Vim com meus pais. Minha mãe é filha [ˈmiɛ ˈmã̃ɛ ˈfilɛ] de Paraguaçu Paulista e meu pai é de Porangatu. Saiu daqui com 16 anos tocando boiada [toˈkãnu boiˈade ˈpre] para Barreto. Lá conheceu minha mãe [ˈla kɔ̃jeˈseu ˈmiɛ ˈmã̃], casou e em quarenta e dois viemos para aqui [viˈɛmus preˈki], nós somos [ˈnɔi ˈsɔmus] só dois irmãos. Minha irmã [ˈmiɛ iɦˈmã] que mora aqui. Aí, *fiquemos* aqui desde menino [fiˈkɛmusaˈki ˈdezdi miˈniɦ], estudei, casei em 57, sou pai de nove filhos [ˈso ˈpai diˈnɔvi ˈfilɫ]. Agente está aqui nessa cidade desde o tempo que ela era *Discuberto*. Desenvolveu quando passou essa Bernardo Saião, aqui. Aí, antes municipalizou [mɛ̃nisiˈpo], invés de *Discuberto* [dʒikuˈbɛrtu] é Porangatu, municipalizou [muni.sipɛliˈzo]. Aí, o prefeito era por nome de ... o primeiro prefeito foi Angelo Rosa de Moura, depois passou para Eusébio Martins da Cunha, comprou, era lá de baixo, comprou cem alqueires aqui, depois que passou a Bernardo Saião, hoje ela é a BR 153, aí formou essa cidade, isso aqui não existia, era só uma fazenda. Aí foi só chegando desenvolvimento [dʒizivoˈviˈmɛtu], porque, quando a estrada chegou, aí chegou o desenvolvimento, daí foi só crescendo, crescendo toda vida. É uma cidade que, como diz o outro, eu amo ela que eu vi nascer e crescer até os dias de hoje.

Lá embaixo é a Praça, porque aqui era a Bernardo Saião, nome antigo ... passou por lá, depois da lagoa, depois transformou-se em Belém-Brasília, aí veio a BR 153, que justamente passou por fora, que ela já tinha outro nome [kiˈɛleˈzaˈfɛˈotruˈnɔmi], hoje ela por fora da cidade. (Belém-Brasília e BR 153) Sim, o símbolo era de uma mesma coisa, mas quem passou aqui era conhecida como Bernardo Saião, aí depois passou a Belém-Brasília, depois registraram ela, quando fez a BR 153... justamente da época do asfaltamento, tudo era terra, Belém-Brasília. Passou a BR 153, aí asfaltou. Em quarenta e dois, eu tinha quatro anos, nesse tempo. Só não nasci (aqui). Minha esposa é de uma cidade de nome Nerópolis, mas é goiana. Eu estudei aqui na, aqui em Porangatu mesmo, na Parmintec, na escola Batista. Aqui, eu trabalhei, fui para roça, depois que casei, trabalhar na fazenda, fazenda Arlade. Aí voltei, quando meu filho mais velho tinha oito ano, eu voltei para Porangatu, para estudar ele, aí fiquei trabalhando [trabaɪˈãnu] na Prefeitura muitos anos, trabalhei [trabaɪˈɛi] no DERGO, trabalhei [trabaɪˈɛi] no consórcio, acabou. Depois parti para a construção civil, trabalhei catorze anos de pedreiro, construção civil. Em oitenta, passei para trabalhar [trabaɪˈa] de taxi. Sou aposentado. Autônomo [oˈtõn.mu], justamente. Estou trabalhando [trabaɪˈãnu] aqui, no taxi. Como diz o outro, completando [kõpreˈtãnu] os últimos dias de vida, que, com setenta ... e quatro anos de vida, você não tem mais futuro, que nem você que tão mais jovem, que olha [ˈɔlɛ] para frente e vê tudo bom. Eu já espero outro destino. Relativo a que Deus é .. prepara para o homem, eu só ... só tenho a agradecer, tenho uma família muito brilhante [brɪˈlã̃ɪ], meus filhos [ˈfilɫ] tudo homens que eu não tenho vergonha [verˈgõ̃je] de dizer é meu filho [ˈfilɫ]. E eles tem orgulho [ɔrˈgulɫ] de dizer eu sou filho [ˈfiɦ] do ...Sr. José. São cinco homens e quatro mulheres [muˈɫɛ]. Só tem uma que mora em Gurupi e o mais velho [veˈɦu] mora em Nerópolis. Tem, parece, 36 netos, 12 bisnetos.

[ˈnɔi viˈɛmu praˈqui i ˈmiɫ nɔveˈsɛtuzi kʷeˈrɛteɪˈdois]

Observem que Sr. José realiza de maneiras diferentes o fonema /ʎ/, a depender do ambiente fonológico. Mantendo só a palatalidade, exemplos: trabalhando [trabaɾ'ãɲʊ], trabalhei [trabaɾ'eɪ], trabalhei [trabaɾ'eɪ], trabalhar [trabaɾ'a], trabalhando [trabaɾ'ãɲʊ]. A incidência da manutenção só da palatalidade em Goiás para esse fonema é generalizada, e encontra eco na fala de Sr. José. Essa palavra apresenta uma alta dificuldade de pronúncia na forma da norma padrão: apresenta em quase todos os itens lexicais do verbo três /a/, duas oclusivas, uma bilabial e sonora /b/ e outra apico-dental e surda /t/, rodeadas por duas líquidas, sendo uma o /ʎ/ palatal, ponto de articulação que apresenta frequentes modificações em todos os fonemas em que existe. Essa modificação não se restringe a esse verbo, exemplo: filho ['fiʎ]. Item lexical usado em situação de intimidade, genericamente aplicado na fala dos goianos entre pessoas na intimidade. Sr. José se emocionou ao dizer essa frase: **E eles tem orgulho [ɔɾ'gulʎʊ] de dizer eu sou filho['fiʎ] do José.**

Esse mesmo fonema aparece pronunciado de duas outras formas, também comuns na fala em Goiás. mulheres [mu'ʎɛ], brilhante [brɪ'ʎãɲɪ], nesse dois itens lexicais o fonema /ʎ/ está na sílaba tônica e, salvo melhor juízo, manteve sua forma padrão integralmente. Comum a sílaba tônica em português se manter integralmente na evolução fonológica. E, olha ['ɔʎɛ], meus filhos ['fiʎʊs], filho ['fiʎʊ], orgulho [ɔɾ'gulʎʊ], velho [vɛ'ʎʊ], essa é a forma mais recorrente na fala dos goianos. Essas incidências desse fonema são fazes de evolução: ['fiʎʊ] > ['fiʎʊ] > ['fiʎʊ] > ['fiʎ], na língua francesa essa evolução já alcançou a norma padrão no último estágio, que no português do Brasil aparece na norma caipira, sendo muito desprestigiada.

A redução dos traços nos fonemas palatais do português pode ser observada na fala dos dois senhores de Porangatu, podendo ser generalizada à fala da maioria dos goianos, exemplos com o /ɲ/ em que sobra somente o traço marcado da nasalidade. Na fala de Sr. José: Lá conheceu minha mãe ['la kɔ̃ʎe'seu 'mĩɛ 'mã̃ɲ], Minha irmã ['mĩɛ ɪh'mã̃ɲ], vergonha [ver'gõ̃ʎɛ]. Exemplos com o /ɲ/, na fala de Sr. João: Eu tenho ['eu 'tẽ̃ɲʊ], a cidadinha [esɪda'dʒĩɛ], um vizinho [vĩ.vi'zĩ̃ɲ], tinha a picadinha [tĩ̃ɲe.pɪke'dʒĩɛ]. No ALINGO – Atlas Linguístico de Goiás, exemplos apareceram em todas as localidades, a exemplo: Bolinha de gude [bɔ̃'liɛ dʒɪ'gudɔ̃ɲɪ], Capetinha [kape'tĩ̃ɲɛ], Machinho [ma'ɲɪ], Hominho [õ'mĩ̃ɲʊ], Rapinha do tacho [ha'pĩɛ dʊ'taɲʊ], Caçulinha [kasu'liɛ], Cunhada [kũ̃'ade], Ganhou menino [gã'o mi'nĩ̃ɲʊ] etc.

Conclusão

Certa vez, em 2001, conversando com um professor de filosofia na cidade de Porto Nacional, no Tocantins, ele me disse que quando era jovem, ele tinha por volta de 60 anos, queria dizer quando tinha 15 anos, ele e um grupo de cavaleiros viajaram de Porto Nacional, no centro do Tocantins, até Gurupi, uma vilinha, que pertencia ao município de Porto Nacional, no sul do estado. São 157 quilômetros, ida e volta 300, pela Br 153, a cavalo eles levaram seis meses para ir e voltar, obviamente a distância ficou maior por terem de atravessar o rio Tocantins nas corredeiras rasas onde é a Barragem da usina de Peixes, atualmente. No caminho, três vezes as onças atacaram os cavalos, em uma das vezes mataram um, o que atrasou a viagem em seis dias até que conseguissem outro cavalo de montaria.

Gurupi, atualmente é a terceira maior cidade do Tocantins, muito maior que Porto Nacional, e fica na fronteira com Goiás, muito próxima a Porangatu. Ambas viveram o mesmo efeito de desenvolvimento causado pela Belém-Brasília. População feita de imigrantes das várias partes do Brasil, predominando Paulistas e Mineiros do Sudeste e Maranhenses e Piauienses do Nordeste. Cada um desses grupos levaram seus hábitos dessas origens, sobretudo o modo de falar, muito característicos em cada um desses estados, como é em todos os estados brasileiros. Goiás e Tocantins ficam no centro do País, junto com a capital federal. Sem dúvida nenhuma, foi justamente a fundação de Brasília que causou toda essa transformação tão rápida. Dela e de suas necessidades surgiram as rodovias federais e os postos de trabalho que trouxeram muitas pessoas querendo ocupá-los.

Os senhores João e José de Porangatu chegaram à região antes desse movimento intensificado, por isso suas falas são tão generosas com a pesquisa. Muito fácil de observar é a qualidade do vocabulário empregado pelos dois, ambos fazem uso de um número pequeno de palavras. Tal comportamento lingüístico é típico do povo brasileiro. Já foi até tipificado na poesia de Manuel Bandeira. Vocabulário simples utilizado para realizar todas as significações da língua. Eles também não se diferem claramente na organização sintática das orações, caracterizam-se também pela sintaxe analítica sem marcas de substituições pronominais para objetos.

As marcas fonológicas, no entanto, ficam caracterizadas na fala dos brasileiros muito em função da vida social das pessoas e da participação da escola, educação formal, na formação dos sujeitos. Isso ocorre porque até recentemente muitos brasileiros não tinham acesso à educação formal, ou tinham acesso por poucos anos.

Tais elementos históricos caracterizam foneticamente o povo brasileiro. Essa é a diferença mais evidente entre os dois senhores de Porangatu. Um tem suas características muito marcadas pela baixa formação oficial e o outro apresenta evidentemente a transformação que a educação formal fez no seu modo de falar e também na organização morfofonológica de sua fala. No caso de Sr. José, o segundo falante, o ritmo de sua fala e as modificações nos fonemas que faz, são de alguém que assimilou a forma mais prestigiada da fala masculina para a localidade.

Esses são homens, indivíduos e sujeitos, típicos do povo do Brasil central. Pele enegrecida pelo Sol sempre muito presente, fazendo as temperaturas permanecerem constantemente acima dos 30 graus Celsius. São homens de ossatura forte, de quem esbanja vitamina D. Devido ao calor, todos têm vida social intensa em ambientes abertos. Esses traços do ambiente natural realizam uma educação social feita de muitos sorrisos, fala alta, muitos gestos, frequentemente caracterizada de simpatia. Assim, esses homens são muito simpáticos, sorridentes e amigáveis. Pode se dizer que essa seria uma caracterização justa para as pessoas dessa região. É claro que a confiança que se deposita em um ser humano deve levar em conta as circunstâncias e o objeto da confiança. Os conceitos não devem ser confundidos.

Bibliografia

Andrade, Carlos Drummond de. "20 a 70, que confusão". In: *Crônicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Marra, D. e Milani, S. E. "O locus da língua: reflexões metateóricas acerca da noção de língua como um fato social em William Labov". In: *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista: 2014.

Milani, S. E. "A geografia da ocupação lingüística". In: *Interface*. Porto Nacional-TO: UFT, 2004.

----- Aspectos Historiográfico-linguísticos do século XIX. São Paulo: Paco editorial, 2011.

----- Historiografia Linguística de Wilhelm Von Humboldt. São Paulo: Paco editorial, 2012.

----- Relato da obra de Ferdinand de Saussure. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2016.

Milani, S. E. *et al.* *ALINGO – Atlas Linguístico de Goiás*. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.